

Medida terá pouco efeito

135

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

Economistas ouvidos pelo Correio receberam a idéia de diminuir a tarifa de importação de alguns produtos para combater a inflação como um mero aceno do governo de que está de fato preocupado com a escalada de preços. Os especialistas, porém, não acreditam que a medida venha a ser de fato implantada, principalmente porque seria ineficaz para amenizar o atual surto inflacionário. Uma redução no imposto teria um efeito insignificante e demoraria muito para ser sentido no bolso dos consumidores.

"A inflação atual é mais complexa. O aumento de preços de matérias-primas, alimentos e commodities minerais é um fenômeno mundial. Diminuir a tarifa não resolveria nada", afirma o consultor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (iedi), Julio Sérgio Gomes de Almeida. A medida seria facilmente neutralizada pela alta das cotações desses produtos. Além disso, as tarifas já estão baixas, chegando a zero para os principais tipos de aço, por exemplo.

Na avaliação de Almeida, ex-secretário de Política Econômica, o governo precisaria elaborar um verdadeiro pacote antiinflacionário para atacar o problema, com uma maior coordenação entre as políticas monetária, fiscal e de crédito. Em outras palavras, não adianta aumentar a taxa básica de juros (Selic) se o governo não puser um freio nos seus gastos, aumentar a meta de superávit primário (economia para pagar a dívida pública) e fechar um pouco a fonte do crédito abundante. "Isoladamente, qualquer medida terá eficácia duvidosa."

Também para o economista Fábio Silveira, sócio-diretor da RC Consultores, o impacto de uma redução de tarifas seria "bastante discreto". A maior parte dos produtos alimentícios mais básicos já está submetida a um imposto de importação (II) pequeno, da mesma forma que são desonerados dos tributos internos. Para Silveira, o governo tem mesmo que esperar que os preços no mercado internacional refluam, o que começou a ocorrer em alguns itens, como soja, açúcar e café.

"O mundo todo é refém dessa alta em decorrência do aumento da demanda por alimentos. O Brasil não é exceção", diz. Silveira também recebe a como principal medida para combater a inflação cortes nos gastos públicos e aumento do superávit primário, o que ajudaria a conter a demanda interna. Uma medida pontual seria a desoneração de produtos alimentícios industrializados.

A economista Marcela Prada, da consultoria Tendências, acredita que a principal ação para combater a alta de preços deve ser mesmo a elevação dos juros pelo Banco Central. Num ambiente de economia aquecida, a inflação de commodities se transfere rapidamente para os preços ao consumidor. "O governo está identificando as pressões e atuando ponto a ponto, como fez com a gasolina e o trigo. Reduzir tarifas pode até ter um efeito pequeno em alguns preços, mas não adianta nada se as cotações continuarem subindo lá fora", diz.